

**PECADO E REDENÇÃO PELA FALA:
O CAUSO DE MARIA MUTEA**

Brenda Kymberlly Souza Gomes (UNIMONTES)

brenda.moraes6@gmail.com

Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

t2lm1b3rg2s@yahoo.com

RESUMO

O presente trabalho pretende verificar como acontece o processo da aparição do mal desmotivado revertido em bem, levando à redenção. Essa relação dual de bem e mal perpassa toda a narrativa do *Grande Sertão: Veredas*, figurada ora nos microcontos orais, que são intercalados no romance, ora nos questionamentos metafísicos de Riobaldo a respeito da existência do Diabo. Um dos causos que mais evidencia essa relação é o de Maria Mutema, presente no meio da narrativa, contado a Riobaldo pelo jagunço Jôe Bexiguento. É nele que se debruça nossa análise. Para tanto, utilizaremos como referencial crítico os estudos de Walnice Galvão Nogueira em *As Formas do Falso* e Robson Caetano dos Santos em *Estratégias do Contar: Um Estudo das Micronarrativas em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, e em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa*.

Palavras-chave: Crítica. Oralidade. Literatura. Confissão.

1. Introdução

Em andanças pelos gerais de Minas, Rosa e sua caderneta passaram três meses guiando gado, acompanhando sertanejos, dormindo em fazendas, e ao relento. Ouvindo histórias de um sertão que disseram por aí não estar munido só de arma da jagunçagem, mas de Deus e do Diabo.

Muitas dessas histórias (ouvidas nessas andanças) figuram, quem sabe, em uma das mais densas e importantes narrativas da literatura nacional: *Grande Sertão: Veredas*. Esses causos transmitidos boca-boca, transformados esteticamente por Rosa num emaranhado de questiona-

mentos são ricos, não só da cultura oral que trazem, mas também pela aglomeração de sentidos que carregam.

Uma grande narrativa, intercalada de historietas, constitui assim o *Grande Sertão: Veredas*. Esses causos intercalados são objeto de interesse da nossa pesquisa, uma vez que propomos nossa análise sobre causo de Maria Mutema e sua relação dual de bem e mal. Porém, ao tentar desvelar essa dualidade presente nesse causo, buscamos também mais duas historietas que têm o mesmo movimento ambíguo de bem e mal. Com a ressalva de que o caso da Mutema traz novidades que não estão presentes nos demais, e são imprescindíveis para nossa análise, conforme veremos no decorrer do trabalho.

2. *O Diabo na rua, no meio do redemunho...*

Os microrrelatos presentes em *Grande Sertão: Veredas* fazem parte de um ponto chave para que se compreenda o romance. Aparecem em sua maioria no início da narrativa e tornam-se mais espaçados no desenrolar da história. Esses causos oferecem e justificam a maioria dos questionamentos metafísicos de Riobaldo a respeito da existência ou não do Diabo.

Os questionamentos presentes nas pequenas histórias intercaladas no corpo do romance são os subsídios que o personagem utiliza para tentar compreender se fez ou não um pacto com o Diabo. A dúvida a respeito da concretização desse pacto é o eixo principal da narrativa, conforme evidencia Santos: “o tema constante na narrativa é o questionamento do jagunço Riobaldo sobre a razão de existir o Diabo, ou do próprio mal e, talvez com isso se livrar da culpa de ter feito um pacto diabólico.” (SANTOS, 2012, p. 50)

As pequenas histórias, intercaladas na narrativa, trazem a ideia, para alguns estudiosos, de uma coisa dentro da outra, como um encaixe narrativo, onde uma grande narrativa engloba outras menores, não de maneira aleatória, mas onde todas as partes têm um papel fundamental para compreensão do todo.

Já nas primeiras páginas do romance os questionamentos a respeito da existência do demônio começam a criar forma; Riobaldo chama a atenção do seu interlocutor sobre um “bezerro erroso” com cara de cachorro, rindo feito gente, que não poderia ser outra coisa que não o Diabo. A partir disso observamos que o personagem começa a defender a

ideia de que o Diabo por si só não há, ele existe quando misturado às outras coisas da natureza. Podemos confirmar isso através do caso citado, uma vez que o Diabo não aparece em figura, mas sim misturado ao animal que, por essa razão, se torna erroso, desviado da sua natureza primeira. Nessa ótica, entendemos que a mistura passa a ser um princípio organizador da narrativa. E dentro dessa mistura a ambiguidade é um recurso que ganha destaque.

O sertão de misturas evidenciado pela narrativa passa pelo fulcro da ambiguidade. Walnice Galvão afirma que a ambiguidade é o princípio organizador do romance, que atravessa todos os seus níveis, onde tudo se passa como se ora fosse, ora não fosse. (GALVÃO, 1972, p. 13).

Vários microrrelatos comprovam esse princípio de ambiguidade quando colocam numa relação dual o bem e o mal, levando o leitor a entender que tudo que é pode em algum momento não ser, sendo passível de mudança, com diz Riobaldo: “A mandioca-doce pode de repente virar azangada – motivos não sei (...) e, ora veja: a outra, a mandioca brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal”. (ROSA, 1994, p. 8)

O causo que oferece melhor subsídio de análise para que se possa evidenciar essa relação dual entre bem e mal é o caso de Maria Mutema, presente no meio do romance, contado a Riobaldo por outro jagunço, figurando como o maior microrrelato até então. Porém, há outros causos que estabelecem a mesma relação, dos quais falaremos a seguir.

3. *Os causos entrantes na temática do “mal”*

Antes que o leitor possa chegar ao conhecimento do caso de Maria Mutema, Rosa nos oferece, nas primeiras páginas, outros casos que são entrantes na temática do mal e que evidenciam a relação ambígua entre o bem e o mal, dois eixos passíveis de mudança.

O primeiro causo de grande relevância é o do Aleixo. Um homem comum, com “ruindades calmas” bem guardadas, que por diversão acaba matando um velho cego desvalido, que passava pelas redondezas. Um tempo depois, os filhos do Aleixo foram ficando doentes e cegaram, um a um, sem possibilidade de cura:

Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da-Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. Me agradou que perto da casa dele tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-

-almas de enormes, desenormes, ao real, que receberam fama; o Aleixo dava de comer a elas, em horas justas, elas se acostumaram a se assim das locas, para papar, semelhavam ser peixes ensinados. Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. O senhor não duvide – tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta... Eh, pois, empós, o resto o senhor prove: vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão. Esse Aleixo era homem afamado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; e susseguite – o que não sei é se foram todos duma vez, ou um logo e logo outro e outro – eles restaram cegos. Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! (ROSA, 1994, p. 9).

Logo após o acontecido com os filhos, o comportamento do homem muda. Torna-se uma pessoa muito boa e caridosa. A partir dessa mudança, podemos pensar na redenção dos sujeitos que praticam o mal e como esse mal é cometido dentro das micronarrativas em *Grande Sertão*. No caso, entendemos que a cegueira dos filhos foi tida pelo Aleixo como um castigo divino, trazendo-lhe o sofrimento, que o redime e o transforma numa pessoa melhor.

No caso do Pedro Pindó, o movimento do bem e do mal muda de eixo no momento em que também muda de figura (personagem). O Pedro Pindó e sua mulher são tidos como pessoas de bem, sempre boas. Porém o filho Valtêi, um garoto de 10 anos, é conhecido desde sempre pela maldade que lhe é inerente.

Mire veja: se me digo, tem um sujeito Pedro Pindó, vizinho daqui mais seis léguas, homem de bem por tudo em tudo, ele e a mulher dele, sempre sidos bons, de bem. Eles têm um filho duns dez anos, chamado Valtei – nome moderno, é o que o povo daqui agora apreceia, o senhor sabe. Pois essezinho, essezim, desde que algum entendimento alumiu nele, feito mostrou o que é: pedido madraço, azedo queimador, gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza. Em qual que judia, ao devagar, de todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega; uma vez, encontrou uma crioula benta bêbada dormindo, arranhou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela. O que esse menino babeja vendo, é sangrarem galinha ou esfaquear porco. – “Eu gosto de matar...” – uma ocasião ele pequenino me disse. (ROSA, 1994, p. 11).

Para corrigir o garoto, os pais começam a praticar castigos violentos e começam a gostar de surrar o menino, tornando-se assim criaturas que praticam o mal, sem quaisquer motivações. Valtêi redime-se com o sofrimento causado pelos castigos, conforme aponta Riobaldo: “quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho...” (ROSA, 1994, p. 12). Mais uma vez o sofrimento, tomando uma

forma quase penitencial, acaba por indiretamente redimir as maldades que foram praticadas pelo menino.

Mesmo que os causos citados acima exemplifiquem bem o movimento do bem e do mal dentro dos microrrelatos, a chave para entender o padrão dual, ambíguo da narrativa está, segundo Galvão, no caso de Maria Mutema que, como já dito, é o maior e mais detalhado de todos; o conto que se apresenta aparentemente como peça solta é, na verdade, matriz estrutural do romance. (GALVÃO, 1972, p. 13). É a partir desse caso que teremos uma nova peça no processo redenção do sujeito em *Grande Sertão*.

Maria Mutema pratica o mal no momento em que mata o marido, sem motivos, derramando-lhe chumbo derretido nos ouvidos enquanto dormia. Não tendo sido descoberta, comportando-se como uma viúva pacata, começa a ir se confessar na igreja com o Padre Ponte, levando-o a pensar que ela havia cometido esse crime por amor ao padre. Atormentado pelas idas de Mutema, e pelas falsas revelações, o padre acaba morrendo.

Notamos um movimento semelhante nos dois crimes, pela via dos ouvidos. O primeiro, pelo chumbo derretido, e o segundo pela fala. Já que o padre morreu pelo tormento causado pelas falsas confissões de Mutema:

E daí mais, que, passando o tempo, como se diz: no decorrido, Padre Ponte foi adoecido ficando, de doença para morrer, se viu logo. De dia em dia, ele emagrecia, amofinava o modo, tinha dores, e em fim encaveirou, duma cor amarela de palha de milho velho; dava pena. Morreu triste. E desde por diante, mesmo quando veio outro padre para o São João Leão, aquela mulher Maria Mutema nunca mais voltou na igreja, nem por rezar nem por entrar. Coisas que são. (ROSA, 1994, p. 310).

Passado algum tempo, durante a visita de missionários, Maria Mutema adentra a igreja, interrompendo a oração da salve rainha. Sua saída é solicitada; aconselham-na que espere no cemitério para confessar seus pecados. Então Mutema, na frente de todos, roga pelo perdão de Deus e dos homens. E confessa os crimes que havia cometido:

Pediú perdão! Perdão forte, perdão de fogo, queda dura bondade de Deus baixasse nela, em dores de urgência, antes de qualquer hora de nossa morte. E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de perdão de todos também, se confessava. Confissão edital, consoantemente, para tremer exemplo, raio em pesadelo de quem ouvia, público, que rasgava gastura, como porque avesava a ordem das coisas e o quieto comum do viver transtornava. (ROSA, 1994, p. 313).

Depois de presa, Maria rogava por perdão, não comia e pedia castigos físicos, como forma de penitência. Quando julgada, foi perdoada pelo povo e “mesmo, pela arrependida humildade que ela principiou, em tão pronunciado sofrer, alguns diziam que Maria Mutema estava ficando santa.” (ROSA, 1994, p. 315).

4. Confissão clamada não se nega

Nos três *causos* relatados, existem algumas consonâncias, como o mal praticado sem motivação, revertido em bem de alguma maneira, ou o contrário e a redenção passando pelo fulcro do sofrimento do “pecador”. No entanto, é somente no caso de Maria Mutema que a confissão se tornará o primeiro passo para que ela consiga redimir-se.

Galvão considera que Maria Mutema pratica o mal pela fala (introduzida no ouvido de um interlocutor), e edifica-se pela mesma via, confessando-se. (GALVÃO, 1972, p. 120). O pecado e a redenção executados pela mesma via evidenciam outra dualidade no microrrelato e nos levam a pensar no caráter que a confissão toma em religiões como a católica.

Nesse tipo de religião a confissão é adotada como instrumento de controle dos fiéis, uma vez que tem a função de deixar a igreja (padre) a par do que acontece com seus seguidores. É através desse mecanismo que o sujeito, desnudando a verdade sobre si, pode obter o perdão divino, alcançando assim a graça dos céus. Segundo Foucault, “a confissão consiste num discurso do sujeito sobre ele próprio, é uma situação de poder em que ele é dominado, coagido, mas que, por meio da confissão, ele modifica”. (FOUCAULT, 2011, p. 347). Diante do exposto, entendemos que ao se confessar perante todos os presentes na igreja, Mutema dá seu primeiro passo para redimir-se, modificar-se como pessoa e, numa visão cristã, salvar-se do “inferno”.

A confissão também acaba assumindo um aspecto dual, quando as transições do mal e do bem acontecem, porque na primeira vez em que aparece no *causo* não se constitui como verdade, por esse motivo não redime. Mas na segunda, quando temos o desnudamento público da verdade de Mutema, a confissão leva ao perdão.

Num sentido implícito, o que acontece é que o falso testemunho de Mutema para o padre Ponte, na forma de uma confissão, pesou-lhe os ouvidos tanto quanto o chumbo que ela derramara no ouvido do marido,

mas é pelo mesmo mecanismo que a graça do perdão é alcançada, quando a verdade de si enfim aparece.

5. *Considerações finais*

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior acerca das relações de sentido estabelecidas entre os microrrelatos em *Grande Sertão* e seu enredo principal, ainda em andamento.

Propusemo-nos aqui a avaliar o movimento de dualidade que ocorre no eixo do bem e do mal, aliados aos questionamentos de Riobaldo sobre a existência do Diabo. Os microrrelatos, sobretudo o caso de Maria Mutema, foi o que melhor ofereceu aparatos para que conseguíssemos evidenciar tanto a dualidade quanto os questionamentos metafísicos do narrador-personagem, uma vez que esses causos funcionam como subsídios para que o movimento de dúvida do personagem sobre ser ou não pactário aconteça.

A ambiguidade também é fator de destaque para este trabalho e para os críticos estudiosos de *Grande Sertão*. O sertão cheio de misturas de Rosa nos oferece vastos caminhos (favorecendo a ambiguidade), mas que, como um caminho de águas, acaba por desembocar em uma única coisa, que ainda pretendemos descobrir.

Em todos os microrrelatos evidenciados, a principal ferramenta de redenção foi a penitência, obtida através do sofrimento do pecador e, como no caso de Mutema, também temos a confissão como prova de arrependimento. Mesmo que todos os causos tragam em seu cerne a veia das mais violentas ações, o arrependimento é capaz de salvar, de redimir pelo menos na concepção dos que praticaram o mal.

Nesse sentido, ao relatar suas andanças e malfeitorias como jangunço a um visitante que por ali passava, estaria Riobaldo arrependido e, por meio de uma confissão indireta, tentando sanar alguma culpa que por ventura tivesse?

Nesse caminho de veredas narrativas, o que conseguimos é isso: desembocar em múltiplos questionamentos que, esperamos, sejam respondidos antes que desaguem no rio, sertão adentro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Ditos e Escritos VII. Org.: Manoel Barros da Motta. Trad.: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Robson Caetano. *Estratégias do contar: um estudo das micro-narrativas em Os Sertões, de Euclides da Cunha, e Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa*. 2012. Dissertação (de mestrado). – PUC/MINAS, Belo Horizonte.

SOUZA, Bianca Kelly de. *A relação entre práticas de confissão e produção de subjetividade em Michel Foucault*. 2012. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.